

Como a Cáritas atua nos países em conflito

Atualmente muito se fala nos conflitos no Oriente Médio, África, nas consequências disso e nas pessoas que, para buscar uma nova perspectiva de vida, conseguem sair dessas zonas de guerra e recomeçar em outro lugar. Entretanto, pouca ênfase é dada àqueles irmãos e irmãs que não têm esta oportunidade, que infelizmente permanecem nas zonas de conflito e, assim, precisam lidar diariamente com a incerteza de viver para contemplar o amanhã.

Conflitos e guerras fazem parte da história humana no planeta Terra. Mas as proporções que as guerras no Oriente Médio e na África trazem são devastadoras, superando em termos de deslocamento e mortes os números da Segunda Guerra Mundial. E o problema maior é que os conflitos recentes acontecem de forma lenta, degradante, desgastante. Estas conflitos retiram a essência e a identidade das pessoas justamente por obrigá-las a aderir a determinada tirania ou, simplesmente, morrerem nas mãos de governos ditadores ou grupos extremistas.

“A situação da Síria, por exemplo, é uma catástrofe, misturada com um cataclismo, misturada com uma tragédia. A Síria tem aproximadamente 22 milhões de habitantes. Destes, 4 milhões e meio são refugiados e 7,6 milhões são deslocados, ou seja, saíram do lugar em que viviam mas ainda estão dentro do país”, explicou Marcio Scalercio, professor de História, em entrevista ao programa do Jô, da Rede Globo de Televisão.

O que a maioria das pessoas não sabe é que grande parte destes refugiados não vão para a Europa, como se imagina. “A maioria não está na Europa como as pessoas estão achando. A maior parte deles está vivendo precariamente em campos de refugiados na Turquia, no Líbano e na Jordânia”, salienta Marcio. É neste ponto que as Caritas demonstram sua solidariedade ao próximo. Existe representação da entidade em diversas zonas de conflitos e também em zonas de abrigo, como o Sri Lanka, Jordânia, Líbano, Turquia e também na própria Síria, onde a guerra se dá de forma mais intensa na atualidade.

Estas Caritas fazem um apelo para que haja “uma salvaguarda dos direitos dos migrantes, refugiados e pessoas deslocadas internamente, um intenso combate às causas profundas da migração forçada e involuntária, ajuda ao desenvolvimento para que se combata a pobreza e as desigualdades sociais em estados frágeis e nos países menos desenvolvidos, em vez de focar em segurança de fronteiras e na burocracia das cláusulas de acordos bilaterais ou regionais com países africanos e do Oriente Médio”.

O trabalho é evidenciado na prática. Na Eslovênia, por exemplo, um grupo de médicos da Cáritas Hungria se desdobra para atender da melhor forma possível crianças no campo de refúgio em Dobova. Este campo é considerado de passagem, pois a maioria das pessoas que estão ali continua viagem para a Áustria.



(Médicos da Cáritas Hungria atendem refugiados em Dobova. Foto: Meabh Smith / Trocaire / Cáritas)

Todos os dias são filas e mais filas que se formam de pessoas que, em meio à lama e à chuva, obtém um pouco de pão, água e cuidados médicos para seguir viagem até a Áustria e, de lá, um percurso sem fim até encontrar finalmente um ponto seguro para ficar na Croácia, destino final da maioria dos refugiados. Atualmente, Dobova é vista como um ponto de passagem para uma nova vida.

Além dos refugiados e imigrantes, o local é repleto de polícia, exército e, claro, trabalhadores humanitários e representantes da Cáritas, que se esforçam para tornar a vida daquelas pessoas um pouco menos difícil.

Bahrang Mostaan, 32 anos, é um dos médicos voluntários que trabalham em conjunto com a Cáritas. Ele explica os desafios enfrentados no trabalho no campo. "As pessoas vêm em ondas", diz ele. "Você tem um período agitado e, em seguida, algumas horas de calma. Você nunca sabe o que vai acontecer. As doenças mais comuns são as infecções das vias respiratórias superiores e a gastroenterite", explica.

"A condição mais séria que a equipe tratou, recentemente, foi uma mulher que estava já em estado de pré-choque. Seu coração não estava bombeando sangue adequadamente. Todas as suas veias e artérias estavam dilatadas, por isso não havia pressão arterial. Eu não sei o que causou isso, mas devido às circunstâncias em que estas pessoas chegam, poderia ter sido fadiga, estresse prolongado, falta de comida, de água... diversos fatores", salienta Mostaan.

Balint Vadasz, chefe de Resposta de Emergência da Cáritas Hungria, explica como funciona o trabalho na tenda de refugiados. "Nós damos assistência médica aos refugiados em uma tenda montada pela Cáritas Eslovênia em frente a um hotel. Lá damos comida, bebida, roupa e cobertores", afirma. "Assistência médica básica é um direito humano e nós pensamos ser muito importante resolver esta questão. Nossa equipe médica é composta por uma ambulância e uma tenda, mas é suficiente para fornecer cuidados profissionais. É pequena, flexível, rápida de construir e pode ser removida quando necessário", ilustra.

"Às vezes temos que enviar as pessoas para o hospital, quando sua condição parece muito grave. Isso é um problema, porque, quando eles ouvem que terão que ir ao hospital, eles tentam evitar, pois não querem se separar de suas famílias e acabam criando um laço de confiança em nós".



(Caritas Syria presta ajuda médica a refugiados e deslocados. Foto: Caritas Internacional)

Já na Síria, maior zona de conflito, a Cáritas atua em seis regiões: Damasco, Aleppo, Homs, região costeira, Djézireh e Horan. O principal objetivo da entidade lá é oferecer ajuda alimentar e econômica, já que a guerra privou a maior parte da população de obter uma fonte de renda. Outro ponto no qual a Caritas se mostra bastante presente é no apoio médico e no atendimento de necessidades básicas, como a aquisição de roupas, objetos de higiene pessoal e outros itens, conforme a necessidade.

Em Damasco, a Caritas Síria possui diversos centros para cuidar dos sirianos deslocados e dos iraquianos – que compõem grande parte do público. Também distribuem pacotes de alimentos e proporcionam tratamentos médicos e cuidados de saúde preventiva. Em Aleppo, vários centros foram criados e aperfeiçoados graças a iniciativas espontâneas da população local. Pequenos grupos acabam se juntando e fazem o papel de educadores, proporcionando um ensino com a maior qualidade possível em meio ao desastre. Em Homs, uma das zonas onde os conflitos são mais violentos, a Caritas consegue trabalhar através de parcerias com comunidades cristãs locais (católicos e ortodoxos).

Fora isso, a Caritas Síria conta com uma rede de parceiros. Entre eles, estão as Caritas Alemanha, Áustria, Bélgica, Inglaterra e País de Gales (Cafod), a Organização Católica para o Alívio e Ajuda ao Desenvolvimento (Cordaid),

Catholic Relief Services (CRS), Caritas Espanha, Italiana, Luxemburgo e Suíça, Secours Catholique (Cáritas França) e Caritas Internacional.



(Refugiados croatas. Foto: Dalje.com)

Em Opatovac, na Croácia, a Caritas montou uma tenda médica e, por meio dela, fornece todo tipo de ajuda básica aos refugiados que por ali passam. Com somente 56 voluntários, a entidade tem trabalhado dia e noite para oferecer alimentos, roupas e objetos de uso pessoal. A organização também se preparou para fornecer 200 camas de beliche aos refugiados que chegam exaustos após a dura jornada até o país. Ali, as pessoas têm acesso a chuveiros, alimentação básica e a uma muda de roupa antes de continuar seu caminho.

Margareta Gergic, coordenadora da Caritas Croácia, explica que muitos dos refugiados e refugiadas chegam a uma situação de tamanho desespero para encontrar refúgio que preferem andar a pé do que esperar um transporte. "Eles estão tão ansiosos para chegar aqui que muitos não podem sequer esperar pelos ônibus gratuitos. Ao invés disso, optam por andar 15 quilômetros pelo campo", conta Margareta.

“Algumas pessoas chegam sem os sapatos, porque os perdem correndo pelos campos. Quando chove, as suas meias e calçados ficam cheios de água. São situações alarmantes. Todo mundo precisa de ajuda”, salienta.

Todos os dias são milhares de pessoas, seres humanos que dependem da solidariedade do próximo para sobreviver. A falta de perspectiva e muitas vezes o cansaço da jornada não só desanima como suga o pouco que sobra de identidade naquelas pessoas. São homens, mulheres, crianças, idosos que saem de sua cidade natal e ficam vestindo a mesma roupa durante dias ou até semanas. Chegam aos campos de refúgio nos estados mais deploráveis possíveis, vítimas de um sistema falho, de uma guerra falha, de causas falhas.

A tragédia é tão grande que as cenas destas pessoas nos campos de refúgio são parecidas com aquelas da Segunda Guerra Mundial. Filas de famílias chegando com malas, crianças no colo de suas mães, idosos que levam no caminho mantas finas para se aquecer. A única esperança que sobra é a boa vontade e a caridade de entidades e pessoas voluntárias que buscam resgatar a vida destes irmãos e irmãs.

Na confusão, muitas famílias podem ficar separadas. “Temos reunidas quarenta famílias até agora”, diz Margareta. Mas essa reunião nem sempre é possível. Como o fluxo de pessoas é grande, alguns membros acabam se perdendo durante o caminho. “Há algumas semanas um menino se perdeu no campo. Nós procuramos em todos os lugares. A polícia parou e procurou no trem. Todos nós olhamos todos os lugares. Usamos megafones. Mas nunca o encontramos”, lamenta Margareta.

“É triste observar esta situação e perceber que ela está longe de acabar. São lutas diárias e existem momentos em que a gente para e pensa: será que um dia isso acaba? Será que todo esse esforço vai resultar em um final feliz pra essas pessoas? Aqui, como voluntários, nós podemos perceber o quanto aquilo que consideramos pouco para nós significa o mundo para o próximo. Nessas horas, o sentido de solidariedade e necessidade toma outra dimensão”, explica Fábio Fagundes, estudante brasileiro de Engenharia e contribuinte com a causa.



(Voluntários da Caritas Filipinas descarregando caminhão com doações. Foto: Google)

Mais uma vez fica evidente que, embora existam guerras, conflitos e muita maldade no mundo, em contrapartida existem pessoas dispostas a proporcionar aquela luz no fim do túnel, a tirar do que tem e doar ao próximo, a agir em prol de uma causa nobre e trabalhar arduamente, mesmo sem saber se este trabalho será suficiente. O importante é não parar de lutar. A ajuda dada pode não parecer ser grande pra quem está de fora, mas pra cada pessoa que obtém esta ajuda, apoio ou cuidado, aquele pouco significa muito.

"Quando você vai ao encontro destas pessoas com uma grande caixa de comida, você pode senti-los chamando 'por favor, nos dê a comida'. Você pode ver isso em seus rostos e sentir a sua fome. Se uma criança não tem sapatos, devemos ir até eles. Você não pode ficar parado e olhando além dessas pessoas quando você está aqui, em uma situação como esta e se dispendo a ajudar. Tudo que eles têm somos nós e eles recebem tudo o que podemos oferecer", finaliza Margareta.

Por Tanara Adriano de Oliveira, com informações do site da Caritas Internacional (pela repórter Meabh Smith) e Caritas Syria